

A()terra(r)

“O que eu quero é muito mais áspero e mais difícil: quero o terreno.”
(Clarice Lispector)

Dos mil nomes de Gaia (todos femininos, imagino, o que é sintomático de um modo positivo), o que eu prefiro é *Terra*, porque nos traz pra baixo, pro chão, nos *aterra*, pra usar uma expressão sobre a qual a Déborah Danowski sempre insiste. Essa equivocidade Terra/terra, planeta *e* solo, me agrada muito, porque identifica o mundo com seu substrato material, que está abaixo de nós, que nos sustenta, e nos dá sustento, que é nossa subsistência. Acho que foi partindo dessa duplicidade que montamos (a #ATOA), durante a Cúpula dos Povos, na Rio+20, o simpósio *terraterra*, inspirados também no famoso poema concreto de Décio Pignatari, que ressalta, aliás, tal equivocidade: a terra *erra*; como todo planeta, ela é errante. A Terra é Gaia, mas também é *gaiata*. Nesse sentido, a “Errática” que Oswald de Andrade propunha, a ciência dos “vestígios erráticos” deixados pelo Matriarcado na história de todos os povos, talvez possa ser lida como uma ciência da terra (uma *terrática*), semelhante à geologia da moral deleuziana, mas também e especialmente uma *gaiatologia*: a feliz ciência não do homem, mas do gaiato, não dessa espécie envelhecida e que envelhece o planeta, a humanidade, mas daquele ainda por vir jovem habitante de Gaia, a ciência do *bricoleur*, da gambiarra. Para ser mais claro, o que a catástrofe ambiental em curso nos coloca como desafio é: como nos virar com os elementos que temos (*subsistir* por meio de uma *eco-lógica do concreto*), e não mais insistir na engenharia, na lógica conceitual e transcendente que busca uma saída (no limite, da Terra, e mesmo do corpo, etc.), que visa criar uma *existência qualificada*, livre de todos aqueles “baixos corporais” – sejam eles materiais, sejam os da linguagem – ao fim e ao cabo, uma vida humana extra-terrestre. Georges Bataille insistia muito na diferenciação entre o *alto* e o *baixo* materialismo: enquanto aquele é, na verdade, um idealismo, ao conceber ontologicamente a matéria como coisa em si, isto é, *matéria-morta* (é a estratégia de Meillassoux, diga-se de passagem); este, abandonando toda ontologia, busca pensar a *matéria-viva*, focando justamente na “putrescência da matéria orgânica” em que os homens (e todos os demais seres) *plantamos* suas raízes. E aqui entra uma outra consequência da equivocidade Terra/terra: tanto a terra é um *oikos* quanto a Terra é um *ego*, um sujeito: “o mundo é um animal extremamente sensível”, já dizia Campanella, ou, na variante de Clarice Lispector, “o mundo é extremamente recíproco”. E encontramos essa mesma equivocidade recíproca entre *ego* e *oikos* em todos os habitantes da Terra, vivos e não vivos: não só uma pedra é, por um lado, um ser próprio, inteiro, como também é, por outro, a casa de infinitas e infinitesimais partículas, uma verdadeira sociedade, como diria Gabriel Tarde – e *oikos*, casa, é uma noção acima de tudo social e política. E o mesmo se passa com os seres vivos, incluindo os humanos: somos ao mesmo tempo e inseparavelmente *egos* e *oikoi*. Cada ego humano é também uma multiplicidade: “nosso” corpo é formado por (é a casa de) infinitos corpos alheios: não só células humanas, mas também, pra dar o exemplo mais evidente, um sem número de bactérias da flora intestinal. E essa estranheza (alienação, para brincar com o jargão marxista) constitutiva, a de cada *eu* ser também a casa de uma multiplicidade de

outros, aparece de diversas maneiras no pensamento dos povos: a noção de inconsciente, por exemplo – e, para pegar o gancho psicanalítico, de certa forma, o *Unheimlich* é um sentimento constitutivo (ainda mais nos dias de hoje), na medida em que o mais familiar é o mais estranho e vice-versa. E talvez uma das suas expressões mais interessantes no Ocidente seja a idéia estoíca da *oikeiosis*, geralmente vertido por “apropriação”: todo animal passa a vida inteira se apropriando de sua constituição, de suas partes, e, a partir daí, se apropriando daquilo que faz bem a elas e a si. Se, como diziam os estoicos, a natureza não estranha o animal de si mesmo, porque ela o constitui como próximo e próprio a si (ou pertencendo a si) e não idêntico a si? Se há proximidade ou apropriação/pertencimento e não identidade ou igualdade, então há diferença, diferença de si, diferença imanente a si. Mas o mais curioso talvez seja que uma outra tradução, muito mais óbvia e literal, do termo *oikeiosis* pras línguas modernas possivelmente explique melhor o que está em jogo (e ao mesmo tempo desloque o que entendemos por esses termos): *familiarização*, ou ainda melhor, *domesticação*. Todo habitante terrestre é uma *rede de parentescos* (internas e externas); ele é a *construção e manutenção de casas*: toda biologia é biografia. O *habitat* não é só uma categoria biológica, mas uma escolha (ética) vital; todo *habitat* é um *hábito*, a consistência que adquire a inter-relação da multiplicidade de seres e intensidades que habitam cada vivente. O hábito do eu é o *habitat* de muitos; a vida é um “estado de contato”, como dizia Clarice. Mas isso não quer dizer que a duplicidade *ego/oikos* implique uma harmonia, muito pelo contrário: gera ruídos, problemas, *ecos equívocos entre o eu e o oikos*. Todo outro (mesmo os que nos habitam) é perigoso, perigoso justamente pela sua alteridade, porque é, no limite, desconhecido: não sabemos com certeza o que esperar dele. Assim, poderíamos dizer que há basicamente duas formas de *domesticação*, ou duas maneiras de conceber a domesticação. A primeira delas, dominante, é a estratégia de eliminar o perigo pela segurança, eliminar o erro, o eco, o ruído, seja em nossos corpos, seja dos animais, seja do “ambiente”. Trata-se da tentativa de construir uma casa segura (para os humanos) por meio da dominação, por meio do afastamento em relação a Terra e à terra, a animalidade e a matéria baixa: são os messianismos (religiosos e políticos) que visam a construção de uma casa (vida) extra-terrena, longe de toda necessidade. Mas existe outra estratégia, ou melhor, uma miríade de contra-estratégias que preservam ao máximo essa zona equívoca de ecos, essa passagem entre o *ego* e o *oikos* (de certo modo, as duas estratégias que evoco aqui ressoam a distinção levistraussiana entre sociedades antropeométricas e as antropofágicas), passagem que podemos chamar também de obliquação, de “vida oblíqua” (pra usar o termo de Lispector, que indica uma passagem entre o eu e o mim, entre sujeito e objeto, passagem que permite toda inter-locução e é condição da tradutibilidade). Trata-se não mais de *domesticação* unipolar, mas de *co-domesticação*, *co-oikeiosis*, em que a reciprocidade e não a unilateralidade tem proeminência. A isso, creio, podemos chamar, com Guattari, de “eco-lógica”, a “lógica das intensidades”, mas também um discurso (equivocamente) ecoante, uma *lógica das reciprocidades*. Toda ecologia é também ec(h)ologia, o ressoar do eu nos outros e vice-versa; além disso, é uma equivocologia, a mesma voz (casa), mas sempre diferente; em suma, é o ecoar da equivocidade do ego, o ego ecoando equívoco o *oikos* que também é (e reciprocamente). Ego-logia, echo-logia, oiko-logia, equivoco-logia: *eQologia*, para fazer uso daquele procedimento poético de Glauber Rocha (do qual Qorpo-Santo é um

precursor), que consiste em mudar a grafia de certas palavras sem alterar a sua sonoridade (“brazyleiro” com “z” e “y”, por exemplo, inserindo uma não-identificação no cerne mesmo da identidade nacional, deslocando o *sentido*, produzindo uma *diferença* na igualdade: não por acaso, foi sugerido que a “différance” derridiana fosse traduzida pela escrita glauberiana como “dyferença”, com “y” no lugar do “i”), abrindo para a multiplicidade que toda unicidade tenta acobertar (o menos Um deleuziano). Desse modo, a ecologia/eQologia não consiste em um saber *sobre a* Terra, mas num discurso *da* Terra, que é um sujeito (*ego*) cujos hábitos são compostos na relação recíproca (ecoante) com aqueles que a habitam (que a tem como *oikos*). É preciso saber ouvir os ecos da Terra/terra, até porque nós também falamos a cada discurso seu: toda inter-locação é uma equi-vocidade. E é preciso fazer ecoar esse discurso, a reciprocidade que todo eco comporta, reciprocidade que a estratégia antropocêntrica de dominação quer fazer calar a qualquer preço – inclusive a própria extinção da humanidade.

Alexandre Nodari, agosto de 2014.